

-cabanas na área vizinha do Hotel, também virada ao mar. O francês Jean Paul Mahler era o Director-Geral e Anne Kamara, senegalesa, a Directora de Vendas. Em Maio de 1990, o preço de um quarto de casal no Hotel Meridien Dakar, incluindo uma taxa oficial, era de 48.800 francos CFA, o que correspondia a cerca de 29 contos.

*
* *

Passámos um fim-de-semana em Dakar. Vimo-nos, por fim, numa grande cidade, onde a Europa e a África se combinam harmoniosamente. Gostámos de Dakar! Não só da cidade, com modernos edifícios, amplas praças e avenidas e um agradável aspecto geral, como gostámos também da área circundante, com belíssimas paisagens de terra e mar, que se desdobram ao longo de uma bem traçada estrada marginal, que acompanha todas as saliências da costa. É a «Corniche», que percorremos sempre com prazer.

Foi pela «Corniche» que alcançámos a cidade, embora a via de acesso mais rápida seja a estrada do Aeroporto e a auto-estrada. Depois do fascínio paisagístico que se nos revelou, casualmente, fomos ter à Catedral de Dakar, no «Boulevard de la Republique», que estava nas nossas prioridades de visitas. Não nos demos mal com o trânsito citadino, ordeiro e de fácil orientação. Quando inquiridos, os polícias apresentaram-se-nos amáveis, corteses. Apesar dos assustadores «avisos» que nos tinham feito em Bissau, sobre roubos e assaltos em Dakar, não houve, a esse respeito, qualquer «novidade», nem a nível pessoal nem em relação ao «Kadett». E na verdade não achámos Dakar com aspecto de cidade violenta, antes pelo contrário.

Através de Nossa Senhora de Fátima, revelou-se-nos na Catedral de Dakar o primeiro testemunho de presença de Portugal na capital do Senegal. A Catedral tem um estilo curioso, africano, talvez, com duas torres e uma grande cúpula central, recuada. Na frontaria, sobre a porta tripartida, lê-se A LA VIERGE MARIE MERE DE JESUS LE SAUVEUR. Logo que se entra no templo, à direita, depara-se com um grande altar de Nossa Senhora de Fátima, mandado construir, há cerca de 30 anos, pelos portugueses residentes no Senegal, de cuja comunidade era capelão o Vigário Geral de Cabo Verde, Padre Augusto Nogueira de Sousa. Na cúpula deste altar figura a inscrição FÁTIMA — PORTUGAL. O altar, com a imagem da Virgem ao centro, apresenta, a ladeá-la, dois bonitos quadros, um com um jovem pastor e outro com uma jovem pastora e os seus rebanhos. Coroando os dois quadros, está o escudo português amparado por dois anjos, vendo-se também ali uma caravela portuguesa, símbolo da descoberta daquelas terras de África e de muitas mais.

Alcançámos depois o centro da cidade. Passámos pelo Palácio Presidencial, antiga residência dos governadores da África Ocidental Francesa, e chegámos à vasta Praça da Independência, a antiga Praça Protet, com os grandes edifícios da nova Dakar. É a praça que mais identifica a capital senegalesa como grande cidade do nosso tempo.

No cais citadino, vizinho da estação ferroviária, embarcámos para a ilha de Goreia. Com uma certa apreensão, o «Kadett» ficou no porto, à guarda de um jovem que para tal logo se ofereceu. Mas, como já foi dito, nada de especial viria a acontecer, ficando o jovem satisfeito com a remuneração (300 francos CFA/180\$00).

Situa-se a ilha de Goreia a cerca de 3 quilómetros da terra firme e ganhou fama histórica como grande centro do comércio de escravos, prática que se manteve até 1815. Ilha descoberta pelo navegador português Dinis Dias, foi tomada pelos holandeses no século XVII, para vir depois a ser ocupada pelos ingleses e, por último, pelos franceses. Ponto de partida para a ocupação francesa do Senegal, a ilha de Goreia decaiu com a fundação de Dakar. Mas hoje são a história e o turismo que ali estão de mãos dadas. E a presença de Portugal está ali bem revelada aos visitantes.

Foi agradável a travessia Dakar-Goreia, num barco só de transporte de passageiros, na sua grande maioria, turistas. Demorou a viagem 20 minutos. Custo por pessoa, ida e volta, 2000 francos CFA (1.200\$00), o que, na verdade, não foi nada barato. Mas valeu a pena.

Com uma acolhedora baía, ao fundo da qual se situa a povoação, a ilha de Goreia — onde não falta também, uma simpática praia — tem como principal monumento a «Fortaleza», curiosamente chamada «Forte Português», embora tenha sido construído pelos franceses em meados do século passado. Com um amplo terraço onde velhos canhões estão hoje silenciosos, está ali instalado um magnífico e bem documentado «Museu Histórico», que apresenta, em diversas salas, todo o historial desta pequena ilha.

A presença portuguesa, não só na ilha de Goreia como em toda a costa do Senegal, é revelada num extenso texto, sob o título «PORTUGAIS». Aí se começa por dar a saber que «Foram os Portugueses, por iniciativa de Henrique o Navegador, os primeiros europeus a entrar em contacto com os Negro-africanos. Com efeito, em 1444 Dinis Dias chegou à península de Cabo Verde e desembarcou numa ilha que mais tarde se chamou Goreia. Em seguida, em 1481, na véspera de Natal, Diogo de Azambuja construiu na ilha uma igreja onde vieram a ser enterrados muitos Portugueses mortos no litoral fronteiro». Mais adiante, o mesmo texto esclarece: «Relativamente ao rio Senegal, foi descoberto em 1445 por Gomes Pires e Lançarote. Em 1489

* 1950 CALIXTO - Viagem à África Ocidental
* 1955 - Bissau - SENEGAL - CATEDRAL
* 1991, p. 73 (ver página 2957)

5.2
295. SENEGAL
DAKAR CATEDRAL p. 73